

Bombeiros que queimam livros

Burn Burn Burn traça o retrato de uma sociedade na qual os livros são proibidos. O romance distópico *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, publicado em 1953, passa-se numa sociedade do futuro alicerçada no prazer, no entretenimento, na exaltação e no esquecimento, na qual os bombeiros ateam fogos, não os apagam: destroem os livros proibidos e as casas onde são escondidos. Montag, um desses bombeiros, cruza-se acidentalmente com uma jovem que lhe fala da memória de um passado diferente. Subitamente, apercebe-se de que vive numa comunidade em que as pessoas se limitam a “dizer coisas” e os livros são proibidos porque “falam sobre o sentido das coisas”, decidindo trilhar os caminhos da dissensão. Esta obra profética consiste também numa eloquente homenagem ao poder transformador da literatura, e ao livro, “única peça feita da costura de vários pedaços do universo”. Para o escritor britânico Kingsley Amis, *Fahrenheit 451* consistia no “inferno conformista mais habilmente construído em toda a produção de ficção científica”.

Num tempo em que as discussões se inflamam com facilidade e o diálogo parece cada vez mais difícil, *Burn Burn Burn* surge como um sopro de oxigénio. As criadoras Isabel Costa e Catarina Rêlo Salgueiro, do colectivo Os Possessos, transportam-nos para um mundo em que os bombeiros incendeiam livros. Só que a tentativa de apagar a História acende sempre novas formas de resistên-



© Filipe Ferreira

cia. Para as autoras e encenadoras, este é “um espectáculo pertinente, que através de uma ficção distópica nos diz muito sobre a realidade actual. E que nos faz pensar: que papel tem a literatura, a arte, o teatro, perante a polarização que incendeia o mundo em que vivemos?”. Esta peça passa-se numa biblioteca pública em 2026, quando um grupo de estranhos se reúne para participar num clube de leitura. O diálogo em torno do livro que

estão a ler, e a divergência de opiniões entre os participantes, rapidamente se transformam numa discussão acesa. A ficção que essas personagens lêem confunde-se com a realidade e, como em tantos outros momentos da História da Humanidade, os livros passam a ser considerados perigosos e são destruídos.

Amanhã no Palco Grande da Escola D. António da Costa

Homenagem a Fernando Gomes

A homenagem do Festival a Fernando Gomes acontece amanhã no Palco Grande, antes do espectáculo *Burn Burn Burn*. Nesta sessão irão intervir a actriz Teresa Faria e o actor Luís Pacheco, cujas carreiras se têm cruzado com o percurso do homenageado. Fernando Gomes receberá um Quixote, o símbolo da Companhia de Teatro de Almada, e que foi o prémio concebido pelo artista plástico Jorge dos Reis. Até ao final do Festival está patente no átrio da Escola D. António da Costa a instalação de homenagem a Fernando Gomes, intitulada *A paródia de um rei sem palácio*, concebida por José Manuel Castanheira.



© Pedro Castanheira

A bela fauna do Parque

Após o início da carreira de *Variedades*, estreada ontem no Parque Mayer, o encenador Fernando Heitor virá amanhã à Esplanada para uma conversa com o público moderada por Tito Lívio. Sobre esta peça, Fernando Heitor adianta que “sempre houve, desde a década de 20 até aos anos 80 do século passado, um público muito especial a frequentar o Parque. Era o que chegou a ser conhecido, algo pejorativamente, como a ‘fauna do Parque’: sobretudo pessoas muito sós, que ali encontravam algum aconchego, vindas dos bairros. Umas ricas outras muito pobres — e que, de certo modo, se entrosavam. Ora, neste espectáculo decidimos tratá-las muito bem”.

“O espanto é vital” para Rezza & Mastrella

Ele trabalha muito à frente de espelhos, que funcionam como paisagens e figurinos. Ela constrói os mundos em que ele vai habitar. Nenhum pode dizer ao outro o que vai fazer, como criar ou como usar.

Assim começa a construção dos espectáculos de Antonio Rezza e Flavia Mastrella. Ontem à tarde a dupla de criadores italiana explicou ao público do Festival o seu processo criativo, o tempo e o modo, até pisarem o palco para a primeira representação. Dito apenas numa frase: “Uma anarquia funcional mais profunda do que a anarquia ideológica”.

Antonio Rezza trouxe para a sua conversa com o público a mesma irreverência com que habita o palco; a mesma energia; ou a mesma “loucura saudável”, como alguém chegou a comentar.

“Fazer rir é muito mais difícil do que fazer chorar, porque o público não é um aliado: é antagonista”, afirmou, depois de se confessar rendido à plateia da noite anterior, no seu

espectáculo. “O que se deu aqui foi extraordinário. O entendimento que aconteceu com o público emocionou-me”. O encenador, dramaturgo e intérprete italiano afirmou que tanto ele como Flavia Mastrella gostariam de “continuar a explorar esta relação com o público português”. E explicou que o seu processo de criação passa por ensaios abertos ao público, nos quais testam o ritmo da palavra e da voz.

Liberdade, subversão, ironia e muita provocação atravessaram este quarto dia dos Colóquios na Esplanada, com moderação de Patrícia Cividanes. Isto porque “o espanto é vital”. Ainda e sempre, mesmo numa dupla que trabalha junta há mais de 40 anos — e que não sobe ao palco “para resolver problemas”, mas antes “para criá-los, fazendo da nossa liberdade, a nossa prisão”, afirmaram Rezza & Mastrella.

Teresa Dias Mendes

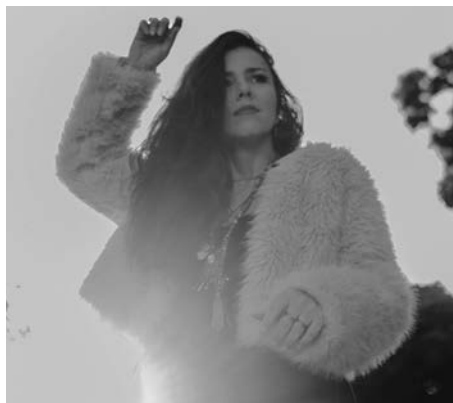


© Pedro Castanheira

Chega de saudade

O trio Carolina Zingler traz amanhã ao palco da Esplanada um conjunto de temas incluídos no álbum *LaMar - Lagos do Mundo*, que funde música popular brasileira, bossa nova e muitas outras sonoridades. Este trio — formado por Carolina Zingler (voz e guitarra), Luati Gonzalez (percussão) e Gu Juventino (clarinete) — promete-nos uma verdadeira injeção de alegria, boas energias e diálogo multicultural, misturando temas de *ijexá*, jazz, rock, groove, e mantras.

© Amanda Cervantes



Restaurante da Esplanada

HOJE

Ensopado de ervilhas e salsichas
Massada de peixe
Salada de manga com arroz de côco

AMANHÃ

Arroz de pato
Caril de peixe
Massa soba com beringela e manga

Agenda de Amanhã

CONVERSA COM
FERNANDO HEITOR
18H00

Escola D. António da Costa

TEATRO DELUSIO
19H00

Teatro Municipal Joaquim Benite

CAROLINA ZINGLER TRIO
20H30

Escola D. António da Costa

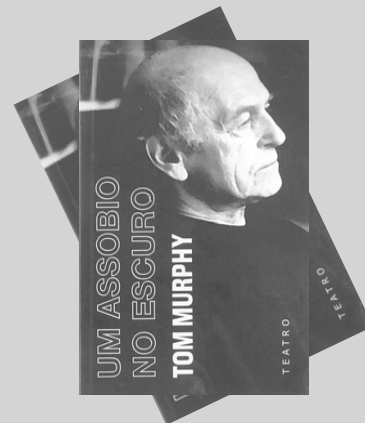
VARIEDADES
21H00

Teatro Variedades

BURN BURN BURN
22H00

Escola D. António da Costa

O Livro do Dia



Apresentada pela CTA no TMJB durante o passado mês de Abril, *Um assobio no escuro*, do irlandês Tom Murphy, com tradução de Lourenço Macedo, constituiu a estreia absoluta desta peça em Portugal. Considerado a principal obra deste autor, este texto aborda o tema da imigração irlandesa em Inglaterra nos anos 60.

2€ na Banca do Festival